

PROPRIETARIO E DIRECTOR, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARAES

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO DE 1877

GUIMARAES, 12 DE JULHO

Transcrevemos em outro logar uma noticia do *Times*, acerca do nosso emprestimo em Londres. Citaremos em seguida um artigo com que uma folha parisiense insinuava as maiores infamias acerca do nosso credito. E' o seguinte :

«Portugal que nos pede hoje 50 milhões de francos, em 1832 emittiu da nossa praça, por intermedio da casa Outrequin & Jauge, um emprestimo de 40 milhões de francos. Este emprestimo foi coberto em parte por uma casa de Londres; tinha por garantia o producto da decima militar das cidades de Lisboa e Porto e seu termo, no caso de não chegar, todos os rendimentos do reino. Sabem em que deu este compromisso solemne, que juros d'este emprestimo foram pagos? Quatro coupons! De 40:000 titulos de mil francos apenas foram reembolsados 4:200!

«Os entusiastas que subscreveram para o novo emprestimo, devem ficar sabendo que, se o povo portu-

guez não faz guerra a outros povos, acontece-lhe, como a alguns, andar em guerra civil. Ha porem uma coisa original que differença Portugal das outras nações: o governo que vence esquece-se geralmente de pagar as dividas do governo que o precedeu.

«Em harmonia com esta tradição pôde-se dizer que, se o actual governo portuguez fosse derrubado amanhã, o que Deus não permita, o que o substituisse seria levado a não pagar as suas dividas. A bom entendedor basta meia palavra.»

Temos em Paris um ministro, diz o correspondente de Lisboa para a *Actualidade*, que deixa correr estas infamias sem contestação, e que consente que o credito de Portugal seja assim arrastado pela lama. O emprestimo de 1832 foi contratado pelo governo de D. Miguel e por occasião da sua emissão o governo liberal fez annunciar que não receberia semelhante negocio e que não pagaria nem um centil de capital nem de juros.

Venceu a causa liberal e o emprestimo foi repudiado. Que tem isso de extraordinario? Quem arrisca o dinheiro em operações d'essa natureza, corre o risco de o perder. O que succedeu com os subscriptores do ultimo emprestimo carlista? Acaso o governo actual da Hespanha reconheceu essa divida? A maneira indigna por que está redigido o artigo, merecia uma correcção severa, e o sr. Mendes Leal tinha obrigação — por honra do cargo que exerce — de desfazer essa infamia e de restabelecer a verdade dos factos. Preferiu deixar correr esse negocio á revelia e consentir que enlameassem opaiz que lhe paga.

O resultado dos indignos manejos de certos argentarios e da inercia do nosso representante foi — em Paris — o que já se conhece. Uma folha franceza que se occupa de assumptos financeiros descreve nos seguintes termos o que se passou alli, não se esquecendo de ir apimentando o caso com as suas insinuações malevolias.

«O *Credit Linnais*, à *Societé de Depots e Compte Courants*, e a *Societé financiere*, tornaram-se muito impopulares na imprensa, diz a referida folha, pela empreza em que se mettem. Esses estabelecimentos levantaram porém outras impopularidades... a medida encheu-se e foi o emprestimo portuguez que pagou as custas.

«Para provar como fallhou essa operação, basta dizer-se que tendo sido aberta a subscrição em 20 de junho, uma cautella comprovativa do deposito emittida na *Societé des depots et Competes Courants* no dia 22 tem o numero 4. Acrescentaremos que tendo sido a subscrição encerrada em 27 a *Societé des Depots* recebeu subscrições no dia 28 e uma d'ellas tem o numero 129, de fórma que se se cacular a media do valor dos pedidos em 10:000 francos a *Societé des Depots*, obteve 1.290:000 fr.»

Eis a triste situação a que nos reduziu o governo transato, com os seus despro-

positos e as suas prodigalidades.

## REVISTA DO PORTO

Segundo alguns rumores que teem surdido, não reina muito boa harmonia entre a corporação de bombeiros municipaes e a dos voluntarios d'esta cidade. Occupo-me d'esta questão que parece de nenhuma importancia á primeira vista, porque sei as consequencias que ella pode ter, muito mais funesta em todos os pontos de vista do que o que se imagina.

Todos sabem quanto são ponderosos esses corajosos mancebos que se impuseram o dever de salvar os haveres e vidas dos seus semelhantes, bem como quanto a maior parte são de excellente tracto, usando sempre da maior deferencia para com os outros, ou superior ou inferior. Até hoje não sei de nada que se possa dizer em desabono d'elles, pois tem-os visto ligados ás dôres ou alegrias dos seus camaradas, e inclusivamente acompanhar ao cemiterio, em ultima homenagem, o cadaver de qualquer bombeiro sem pertencer á sua corporação.

Quem procede d'esta maneira parece poder exigir ser tratado com attenção especial, exigencia inutil para quem fosse razoavelmente educado e tivesse um bocado de delicadeza.

Não o entendem, porem, as-

grandeza d'alma, pela sua elevação de espirito, valem uma epopeia e um monumento.

A republica em França não é uma simples questão politica, mas sim, uma questão universal.

Não são apenas os francezes que terão de tomar parte n'ella; mas o futuro, mas o universo.

Desenganemo-nos! uma unica redempção existe para a raça latina; e essa redempção, meus senhores está na democracia, está no suffragio universal, está no registo civil, está na abolição de toda a tutela politica, está emfim, na soberania do progresso, no imperio da paz, e na imposição da verdade, para quem a desconhece ou de facto finge desconhece-la.

E por isso a França ha de vencer, porque com ella está o seculo que nos domina e a civilização que nos rodeia.

Se não fór hoje, será amanhã. Mas ha de vencer. E é isso o que importa.

Viva a França!  
Viva a Democracia universal!

MAGALHÃES LIMA.



## FOLHETIM HEROISMOS

(A CONSIGLIERI PEDROSO)

D'entro de pouco tempo terá de pelear-se, em França, a grande e audacissima batalha dd democracia moderna.

Quem não é por nós é contra nós—diz o vulgo. E assim é que actualmente Pariz, essa sublime capital do mundo civilizado, na phrase altiloqua do gigante do seculo, se prepara com a arma sagrada da idéa para esse terrivel combate, que, ao mesmo tempo ha de ser lição a inimigos e incitamento a estranhos.

De um lado temos Gambetta, o republicano austero, de outro lado Mac-Mahon, conservador equivo-co e odioso.

De um lado a pomba sagrada da liberdade, esvoaçando em torno dos grandes principios e das sublimes concepções; de outro lado o chacal do jesuitismo, proseguindo insidiosamente no seu trabalho lobrego e subterraneo.

De um lado a bandeira immaculada da republica, que é justamente a bandeira dos humildes e dos trabalhadores obscuros; de outro lado o farrapo ignobil do reaccionario, tentando cobrir com as suas quatro pontas enodoadas

os ponderosos e os rententes do mundo.

De um lado a arvore florescente do progresso, em redor da qual se agrupam os intransigentes e os convictos da sciencia; de outro lado a noite escura da reacção, e os mascarados farçantes dos seus interesses e das suas conveniencias torpes.

De um lado a figura luminosa do propheta, chamando ao gremio da egualdade humana, todos os livres pensadores e todos os operarios modestos; de outro lado a sinistra imagem da guerra, da destruição e do entranhado odio entre irmãos e amigos.

De um lado a luminosa estrela da verdade, que conduz á Terra da Promissão e do futuro; de outro lado a profunda escada dos condemnados, que conduz aos abysmos do tumulo e da morte instantanea.

De um lado a propriedade libertada, a industria emancipada, o homem livre e independente, o novo soberano e a republica legal; de outro lado o cidadão atrophiado e automato do poder, as artes opprimidas, a civilização violada e a lei, pertencendo ao mais forte e ao mais temido.

De um lado o mundo fraternizando, isto é, a paz enthronizada; de outro a luta campeando, isto é, o assassínio legalizado.

De um lado a força, o vigor politico, a virilidade do trabalho;

de outro lado, a effeminação dos que governam e a corrupção dos governados.

De um lado a vida com todos os seus attractivos e consequencias; de outro lado a destruição com todos os horrores e anathemas.

De um lado o homem; de outro lado a idéa.

De um lado a lei; de outro lado a violação.

De um lado a tribuna e a imprensa; de outro lado a masmorra e o cadafalso.

De um lado o justo; de outro lado o iniquo.

De um lado o espirito que alumia e o raciocínio que guia; de outro lado o perigo que assalta e a vertigem que prostra.

De um lado, a esperança do que agrada; de outro a desillusão, que perde.

De um lado Christo, o doce; de outro lado Judas, o perfido.

De um lado a humanidade, a grande e poderosa humanidade; de outro lado o individuo, o pequeno e mesquinho individuo.

De um lado o clericalismo esmagador; d'outro lado o pensamento, sem peias nem refolhos.

De um lado a affirmação e a coherencia; de outro lado o desconnexo e o incoherente.

De um lado Thiers, o homem que pelas suas convicções resigna o poder; de outro lado Mac-Mahon, o tal que ás ambições do poder sa-



sim o sr. commandante geral das companhias de incendios, Pimenta, fazendo algumas desconsiderações aos voluntarios, taes como deixar de comparecer aos enterros dos voluntarios ou não os convidando para os enterros, seus; tendo-o feito aos outros.

Estes factos produziram já a primeira explosão. Na sexta feira, quando devia ser enterrada a mãe do sr. commandante da companhia de Villa Nova, Eduardo da Costa Santos, os voluntarios, posto que para isso não tivessem sido convidados pelo sr. Pimenta, compareceram á hora marcada na igreja em grande numero. Aquelle senhor que não os esperava, desculpou-se mandando um filho convidando-os irem ao local do sabimento para a companhia o corpo, pedindo desculpa de se ter esquecido de os convidar para aquella fim. Houve então altercação entre o commandante dos voluntarios e o senhor Pimenta, chegando um dos interpellantes a dizer ao outro que lhe não dava satisfação n'aquelle sitio; que lh'as dava em outro e era mesmo vontade sua dar-lh'as d'outra maneira, mas que para isso um e outro haviam de despir as fardas que traziam.

Imagine-se a que estado de exaltação devia ter chegado este cavalheiro para assim fallar a um seu superior debaixo de fóma.

E' pena que a levandade de um qualquer individuo investido d'um cargo da responsabilidade que é o de commandante da companhia dos incendios, appareça a estorvar uma corporação que tantos beneficios tem prodigalizado e de que tanto ha ainda a esperar. A' excm.<sup>a</sup> camara municipal compete intervir n'esta, pendencia para que não tome maiores proporções e não tenhamos de lamentar qualquer consequencia menos agradável.

—Tem estes ultimos dias corrido monotonos e inspidos, o quanto é possível imaginar-se. O Porto tornou-se uma aldeia, sem uma casa de passatempo, a não ser que nos resignemos a assar-nos n'um botequim.

A companhia do theatro Baquet fez ponto no dia 1.<sup>o</sup> d'este mez e a esta hora já deve ter dado alguns espectaculos julgo que em Lamego.

A que funcionava no theatro Principe Real, que é a do Gymnasio de Lisboa, foi vizitar Coimbra, dando lá quatro espectaculos, que foram quinta, sexta, sabbado e domingo. Esta aproveitou pois; foi ver as festas da Rainha Santa e colher alguns cobres, que não devem ser poucos, attenta a boa occasião e as razoaveis forças da companhia.

As barrações dormem tambem. Isto é, um d'elles ainda de quando em quando dá accordo de si, mas estou por certo que faria bem melhor se se conservasse no seu somno tranqullo e sosegado. Sempre lhe era melhor do que ver depois o horroroso quadro que offerecem as cadeiras e bancos partidos, por effeito do pessimo gosto dos espectadores.

Se Deus nos não acode, mandando-nos por ali uma companhia qualquer de declamação ou canto, estou a ver que dentro em pouco nem mesmo uns aos outros nos podemos aturar pelo aborrecimento que de nós se apoderará.

—A'manhã temos nós festejos patrioticos. Commemora-se a entrada do exercito libertador, e por isso será adornado o monumento do immortal Dador da Carta, onde á alvorada tocará a banda da municipal bem como ás 6 horas tocará tambem por espaço d'algun tempo e á noite tocarão as bandas de caçadores 9 e infantaria 10.

No fim, ao terminar os festejos, será queimado um lindo bouquet de cores azul e branco.

No theatro Principe Real, ap-

parecerá a companhia do Gymnasio, dando em espectáculo de gala —os Lazaristas—do sr. A. Ennes, apparecendo naturalmente as bandeiras azues e brancas bem como os poetas que quasi se podem dizer d'ocasião, a par dos costumedos e já festejados.

—Na sexta feira, pelas 8 horas da manhã, seguia pela rua do Almada, com um cavallo á redea, um creado do sr. José Narciso d'azevedo.

Ao chegar ao fim da rua e ao dobrar a esquina proximo do Campo da Regeneração, o cavallo espantou-se em consequencia de lhes haverem puxado de mais pela redea, dando uma formidavel parrelha de couces nas costas d'uma pobre mulher de nome Carolina Augusta, de 30 annos de idade, e moradora em Germalde, ilha n.<sup>o</sup> 19, deixando-a semi-morta.

O sr. Leão Ferreira de Albuquerque, amouense da policia civil, que por ali passava n'aquella occasião, fez prender o creado, e conduzir a desgraçada á pharmacia Miranda do Campo da Regeneração, onde gratuitamente lhe foram prestados os primeiros socorros, recusando-se o seu proprietario a receber a remuneração, tanto dos seus servicos como dos medicamentos.

Como o estado da pobre mulher fosse bastante afflictivo elles receiasse pela sua existencia, foi mandada conduzir em maca ao hospital da Misericordia.

O criado foi mandado ao tribunal criminal do 2.<sup>o</sup> districto.

—Depois de ter já escripto o que digo acima, com referencia á questão que se ventila entre as corporações dos bombeiros, deparo com o seguinte, que vem reforçar o que avança:

### Declaração

Para que as companhias de incendios do Porto e Villa Nova de Gaya, assim como o publico, não dêem uma interpretação erronea á ausencia dos senhores voluntarios, junto da companhia municipal, quando foram hontem a casa do dignissimo commandante de Villa Nova de Gaya, para acompanhar os restos mortaes de sua boa mãe, tenho a declarar que competindo ao commandante da campanha de incendios do Porto, actual commandante geral, mandou-me prevenir ou avisar, como tem sido costume até hoje, que a companhia do seu commando comparecia, e tinha de reunir n'este ou n'aquelle ponto, nada me mandou dizer, e por tanto ordenei que os senhores voluntarios se dirigissem para a igreja de Santo Ildelfonso, onde deviam celebrar-se os responsos de sepultura.

Se tivesse tido conhecimento que a companhia de incendios do Porto se reunia na rua do Captivo, de certo ali iria da melhor vontade com os meus camaradas, porque além de ser amigo e intimo do commandante Santos, que é merecedor de todas as honras e attenções, tambem de bom grado me incorporaria aos bombeiros municipaes como tenho feito até hoje.

Porto, 7 de junho de 1877.

O commandante dos bombeiros voluntarios do Porto.

Guilherme Gomes Fernandes.

X.

## GAZETILHA

Esteve de passagem entre nós hontem de manhã, o nosso presantissimo amigo e illustrado collaborador do nosso jornal, o sr. dr. Magalhães Lima, regressando de Ribeira de Pena, onde se demorou por algum tempo.

Ao partir s. exc.<sup>a</sup> dirigiu-nos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Meu caro Santos Guimarães:

Na minha rapida passagem por esta generosa cidade, rogo-lhe o obsequio de ser o interprete dos meus sentimentos de gratidão e de affecto para com todos os habitantes da provincia de Tras os Montes, com quem agora na minha digressão, tive a honra de travar relações de amizade e particularmente para com o meu querido e quasi irmão Barão de Ribeira de Pena e sua familia de quem recebi os mais inequívocos testemunhos de affecto, que humanamente se podem dispensar a um amigo n'este mundo.

Todo seu amigo certo e obg.<sup>o</sup>

Guimarães 12—7—77.

Magalhães Lima.

Segundo lêmos n'um jornal de Coimbra, o Instituto d'aquella cidade reunido em assembleia geral, conferiu ao excm.<sup>o</sup> sr. dr. Francisco Martins de Moraes Sacramento o diploma de socio honorario, que é a maior distincção com que pôde premiar o verdadeiro merito tão respeitavel associação scientifica e litteraria.

Foi bem cabida esta honra.

Acaba de ser promovido a desembargador da Relação dos Açores o excm.<sup>o</sup> sr. dr. José Augusto Osório Sarmiento Mosqueira, juiz de direito n'esta comarca; e para o substituir foi transferido para aqui o excm.<sup>o</sup> sr. José Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel Vasconcellos, ha pouco nomeado juiz para a comarca da Guarda.

Tem corrido ha dias n'esta cidade um boato com versoes bem diversas.

Referimo-nos ao desaparecimento d'um rapaz natural de Villar de Magada, e aprendiz de lanterneiro n'esta cidade, desaparecimento que se attribua a um assassinato e com circumstancias muito aggravantes.

A verdade, porem, é que o rapaz já appareceu e está n'esta cidade.

Por causa d'esta *resurreição*, —que se deve á actividade dos dignos delegados do procurador regio e administrador d'este concelho, —já alguns homens e mulheres são caseiros do Mexias.

Se dessem pouco á caramelle, não lhes acontecia assim: quem muito falla pouco acerta, eiz o rifão...

Encerrou-se no domingo, pelas 7 horas da tarde, no Palacio de Crystal no Porto, a exposição internacional agricola horticola, que alli se abriu no dia 29 do mez passado. No mesmo dia foram distribuidos os premios aos diversos concorrentes com elles contemplados.

Foi exonerado de administrador do concelho de Braga, o sr. José Joaquim d'Araujo Correa e substituido interinamente pelo sr. dr. João Joaquim d'Araujo Alves.

Diz ao nosso collegâ *Diario de Noticias* um seu correspondente de Queluz, que o sr. visconde de Ouguela visitou el-rei no domingo 6, ao que parece para agradecer a el-rei o decreto de amnistia.

O sr. dr. Augusto Valladares, um dos redactores do nosso collegâ *Jornal do Minho*, pediu a exoneração de segundo bibliothecario da Bibliotheca publica de Braga.

Foi-lhe concedida.

Está gosando 60 dias de licença o sr. conselheiro Miguel Justino Marques Murta, secretario geral do governo civil d'este districto.

Está gosando 60 dias de licença o sr. conselheiro Miguel Justino Marques Murta, secretario geral do governo civil de Braga.

Tem logar na segunda-feira proxima a festividade de Nossa Senhora do Carmo.

A julgar pelos annos precedentes, estará á exposição n'este dia o Asylo de Santa Estephania.

Segundo nos consta, vai em breve entrar no prelo uma parodia ao poema sob o titulo—Versos a S. Torquato — produção do sr. Luiz Antonio Figueiras.

Dizem-nos que a parodia é devida á habil penna d'um dos nossos mais apreciaveis contemporaneos.

Veremos.

Eis o que diz o *Times*, fallando do emprestimo contratado ultimamente pelo governo portu-

guez: «Os fundos portuguezes continuam firmes, mas houve algumas transações com o scrip de novo emprestimo a perto de 1/2 de desconto. Ouvimos dizer que só 4 milhões nominaes de libras sterlinas foram subscriptas aqui e em Paris, e que o governo portuguez sabiamente resolveu tirar do mercado e fechar os restantes réis 2.500.000. E' este o mais sensato caminho a seguir e o mais honroso, porque a um tempo alliviará o mercado da pressão dos titulos não collocados, e evitará qualquer *malentendu* com relação á totalidade da divida que pôde apparecer no mercado n'uma dada occasião.

Como a porção não emitida tem de ser fechada e não simplesmente tirada do mercado, não haverá perigo de qualquer surpresa para o futuro. Ficará por conseguinte por este passo, a descoberto uma certa porção de divida fluctuante, mas é uma porção de pouca monta, e é muitissimo possível que os portuguezes possam absorvel-a no seu paiz. Uma grande parte do actual emprestimo foi tomada contudo por os portuguezes, de fóma que o governo fará bem se se mantiver afastado do mercado financeiro europeu o mais tempo que poder.»

E' bom que se saiba em Portugal, diz o correspondente da capital para o nosso illustrado collegâ da *Actualidade*, o que se diz lá por fóra a nosso respeito. Essas reflexões da fóma de Londres e os embaraços que encontrou agora no emprestimo, mostram quanta razão tinham os que pediam mais parcimonia nas despesas publicas e quanto teria sido prudente da parte do governo transacto não fazer essas loucas despesas que saiam da divida fluctuante, e que foram o mais pesado encargo herdado pela situação actual.

Além da receita ordinaria o governo regenerador gastou em tres annos 13.000 contos, além da verba auctorisada! E' este o preço por que a nação paga a especulosa administração dos homens que saíram ha quatro mezes do poder! é este o custo das paradas vistosas, das veleidades bellicas, da prodigalidade com certos amigos, das larguezas na administração de certas obras publicas, etc.

A commissão para exames que tem de compôr as mesas dos lycées pertencentes á circumscripção do Porto é constituída da seguinte fóma: Presidente, Adriano Machado; meza de portuguez, Augusto Soromenho, José Simões Dias, Manoel Penha Fortuna; mezas de francez, Filomeno Cabral, Albino Ladeira de Castro, Antonio Telles, Rodrigues de Freitas, Bernardo de Magalhães, Joaquim de Sonza Macedo; meza de inglez, Amorim Vianna, José Perry, Luiz Pinto de Aguiar; meza de latin, Bernardo Madureira, Ber-

ardino Rebello, Manoel Dias Cardoso; mathematica e desenhos, Magalhães Aguiar, Antonio Senna, S. Montenegro e José Miguel de Abreu; 2.<sup>a</sup> parte, Raymundo Rodrigues, Adriano Brandão, Gomes Teixeira; philosophia, Bernardo Albuquerque, Costa e Almeida e M. Joaquim; introdução, Agostinho A. Souto, Correia Barata e Fernandes Pereira.

## CORRESPONDENCIA

Vizella 8 de julho

(Do nosso correspondente)

Deparei no *Commercio do Minho*, n.<sup>o</sup> 651, com noticias de Vizella, e hoje no n.<sup>o</sup> 658 um escripto assignado por um *banhista*, que é o mesmo auctor do primeiro, em quanto aos fins para que escreve.

O segundo escripto põe Vizella a mais asquerosa, querendo eleva-la a mais belleza egual-a, quem sabe, talvez a Paris, e pinta-a depois com as cores mais amarelentas da sua *Illustrado* imaginação. As grandes cidades estarão limpadas d'essas imundicies e immoralidades, que aponta n'este *risinho caninho de Portugal*? O sr. *banhista* divague um pouco florindo em bom e em mal de Vizella, pois que nestaepoca de banhos em toda a parte que há agglomeração de povo apparece de tudo, e como quer s. s.<sup>a</sup> endireitar o mundo? Muito apreciava eu vel-o regeder, para levar acabo a sua vontade estudiosa.

O que vemos e é o seu fim principal.—do sr. *Banhista*—*Vizellense*—é deprimir o honrado pharmaceutico, e exaltar o seu amigo chamado pharmaceutico Silva (dizemos *edmano*, por que de facto o não é) e como s. s.<sup>a</sup> de turpa os factos que marra do *infeliz* damnado (já que n'uma noticia) you pois aviva-lhe a verdade, para que se dê o seu a seu dono.

Sendo mordidas as pessoas, como já é do dominio publico, e sendo presente o *Illustrado* sr. Barros, pessoa da intimidade do sr. Silva, este bradou logo: «vô todos já, já á pharmacia do Silva que tem um remedio infalivel para os damnados»; e foi este sr. que os encaminhou para ali, devendo-os mandar para os Medicos, que são dous.

O infeliz mancoço que foi á outra pharmacia tem um curanho alfaiate todo amigo do Silva; e como assim o encaminhou logo em seguida e o levou para ser curado por esse *excellent e habil mancoço*, sendo por elle tambem operado como os outros, servindo-se o sr. Silva d'um prego em braza (porque é o instrumento do seu estorjo) que *estranholou* os pacientes, pois que o sr. Silva não é mais do que um charlatão em medicina e cirurgia, como havemos de mostrar.

Mas ainda não satisfeitos os pacientes operados pelo sr. Silva com o prego em braza, correram logo para Santo Thyrsio em procura de uma mulher que tem a fama de curar os raivosos e anda não satisfeito o infeliz foi mais adiante a pum homem curandeo, que dizem pôe uma pedra sobre a mordedura; e então a quem attribuir a cura dos outros, ao sr. Silva ou ao de Santo Thyrsio? sendo todos queimados com o prego em braza, do sr. Silva, a isto cala o sr. *Banhista-Vizellense*, porque falleceu esse infeliz que tambem esteve em continente nas mãos do *habil operador* Silva.

Deve notar o rabiscedor que o infeliz foi mordido na mão na força da raiva do cão, e os outros foram por cima da roupa, e por isso não tiveram tanto contacto deviros como o infeliz.

O sr. *Banhista-Vizellense* occulta estes factos dos pacientes,

A commissão para exames que tem de compôr as mesas dos lycées pertencentes á circumscripção do Porto é constituída da seguinte fóma: Presidente, Adriano Machado; meza de portuguez, Augusto Soromenho, José Simões Dias, Manoel Penha Fortuna; mezas de francez, Filomeno Cabral, Albino Ladeira de Castro, Antonio Telles, Rodrigues de Freitas, Bernardo de Magalhães, Joaquim de Sonza Macedo; meza de inglez, Amorim Vianna, José Perry, Luiz Pinto de Aguiar; meza de latin, Bernardo Madureira, Ber-



irem para Santo Thyrso, por que quer dar a gloria ao sur. Silva *chímico e operador de fresca data*, que apenas tem dois annos de pratica de pharmacia, e se é que tem cartas de pharmaceutico foi com matriculas de favor e não legaes.

Recomendámos ao sr. *Banhista-Vizellense* o nosso escripto do *Imparcial*—n.º 392 de 5 de janeiro, e então verá e admirará como e donde veio o *saber ao estudioso* do pharmaceutico que tanto quer elevar ás nuvens (de fumo).

Não compete aos pharmaceuticos metterem-se em taes curativos, depois de haver dois facultativos habeis na terra, a quem ouvimos fazer graves censuras pelo seu arrojado atrevimento para o que não está habilitado, e nem pertence á *arte pharmaceutica*!

Como o sr. *Banhista-Vizellense* não diz tudo, ouça.

A mulher do sapateiro da ponte-velha, foi mordida, foi curada com o prego em braza do sr. Silva, foi e esteve uns poucos de dias em Santo Thyrso, e foi accomettida com fortes dores de cabeça, com todos os symptomas que apparecem nos hydrophobos, que foi soccorrida com disvel o pelo sr. Varella, e salva. O infeliz mancebo era pedreiro, andava n'uma pedreira em Moreira ao calor do sol, e lá se queixou de dores de cabeça vindo para casa com ellas, e tres dias as soffreu sem ser soccorrido pelo medico, que só mais tarde chamaram, quando já estava declarado, segundo o sr. Varella diz, que tambem fôra chamado.

Como é, pois, que sendo ambos accommettidos com os mesmos symptomas de damnados, por que é que a mulher escapou e o infeliz não? Porque a mulher foi soccorrida a tempo e o infeliz não, e a mulher foi martyrisada com o prego em braza, que ainda ha pouco tinha chaga.

Diz o sr. *Banhista-Vizellense* que o infeliz moço morreu abandonado de todos, e é verdade; morreu abandonado de seus paes que até bradavam contra elle, que só tarde e muito tarde chamaram os facultativos e só quando já estava declarada a hydrophobia.

Lastima o sr. *banhista* que o infeliz tivesse a imprudencia d'ir á outra pharmacia; aqui é, a força aonde quer chegar o sr. Silva e que lhe applicassem um cauterio de nitrato de prata, e que isso foi, supõem, devido á falta de seus curtos conhecimentos na *arte de pharmaceutico*; por quem é o sr. *Banhista-Vizellense*, isto depõem muito contra a sua *illustração e intelligencia*; pois diga-nos: pertence á *arte de pharmaceutico* o curar? e o que é que pertence á *arte de medico*? que *esperto* não é o sr. *Banhista-Vizellense*! irra, que tal é o espertalhão...

Ora sr. *Banhista-Vizellense*, nós sabemos aonde são dirigidos os tiros, o sr. Silva está desacreditadissimo como pharmaceutico e como curandeiro, pelas suas rusticas maneiras, pois que em 2 annos de pratica em Braga, que se pôde aprender sr. *Banhista-Vizellense*? e então vem agora com este pé pôdre querer-se engrandecer e fallar em sua pessoa, (melhor lhe fôra não abrir bico) para lhe darem uma importancia que não tem, como homem, que tem faltado aos seus tratados e como pharmaceutico que é uma nullidade, pois todos o conhecem vindo para aqui estabelecer-se como praticante sem habilitações algumas, encapotado com o nome d'outro pharmaceutico, e no fim de tres annos apparece examinado (como ??) e reabrindo-a como pharmacia sua, e isto fez-se e passou na Escola-Medico do Porto.

O sr. administrador Couto concorreu muito para a *sabedoria e intelligencia* do sr. Silva. *Arca-des ambo...*

É assombroso e tanto saber em dous annos... que praticou.

Sendo isto sabido por todos fogem d'elle, e veja-se qual é o movimento das duas pharmacias e a que mais creditos tem. Sabemos que tanto o sr. *Banhista-Vizellense* se esforça pelo sr. Silva, que o muito *illustrado* sr. Barros, seu inseparavel amigo, tem andado a mostrar e a correr com o *Commercio do Minho* para assim o inculcar e deprimir o pharmaceutico que mais sabe pela sua muita pratica e theoria.

Miserias dos inseparaveis. Quem não pôde trapaceia... Os amigos do sr. conde de Margaride trabalham com força para a eleição da camara; haverá quem peça para lhes tirar o pelto.

Veritas.

## EXTERIOR

Northcol, na camara dos deputados, desmentiu as informações da «Gazeta da Colonia» acerca de umas pretendidas declarações de Lyard, concernentes á occupação eventual de Constantinopla pelas tropas inglezas.

Layard foi recebido quarta-feira pelo sultão, a quem pediu que sejam protegidas as vidas e propriedades dos christãos.

O sultão responde que estão tomadas as precauções necessarias para impedir quaisquer desordens; no entretanto não responde pela manutenção e tranquillidade da ordem, se os russos continuem commettendo atrocidades na Bulgaria.

Chegou a Constantinopla o almirante inglez, commandante da esquadra que se acha em Besik.

Em breve será recebido em audiencia pelo sultão.

Mouktar-Pachá continua dirigindo-se para Kars.

Os turcos bombardearam Chektil.

A folha official insere um decreto prohibindo a exportação de cavallos para a fronteira.

Foi approvedo por unanimidade de Madrid, o voto de confiança de generaes do exercito, autoridades e voluntarios de Cuba. Continuam os debates acerca do inquerito parlamentar a proposito das operações do Tesouro.

No congresso ha dias nas sessões diarias é designado o Marquez de Orovio como successor do Barzalana ministro da fazenda.

**SAUDE A TODOS** sem medicamentos, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de *Sauvé*.

## REVALESCIÈRE

DU BARRY DE LONDRES  
27 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias gastica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nuseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respirações, oppressão, congestões, mal dos nervos dia bethes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue, 85:000 curas entre as quees, contam-se: a do duque de luskov, das excellentissimas senhoras marquezas de Brehan duqueza de Casti-stuart, dos excellentissimo srs. Lod Stuart de Decies, par d'Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Benecke, etc. etc.

Cura n.º 48:614  
A sr. marquezas de Brehan, de sete annos de doença do figado do estomago, emmagrecimento, palpitações nervosas em todo o corpo, agitação nervosas e tristeza mortal.

Cura n.º 62:986  
Me Martin, de supressão da tensmrução e dança de S. Guido, declarada incuravel, perfectamente curada, pela *Revalesciere*.

Cura n.º 65:112  
E. Payard, de gastralgia, e vomitos. Não podia suster-se de pé, nem dormir, tendo sempre a cavidade do estomago intumescida.  
Cura n.º 62:845

M. Boillet, cura, de 36 annos de asthma com suffocações durando a noite.

Cura n.º 70:421  
N. A. Spadaro, de uma constipação obstinada de nove annos. Era terrivel, e distincto medico, tinham declarado que não havia meio de cural-a.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios—Preços fixos de venda por miudo em toda a peninsula.

Em caixas de folha de lata de 1/4 kilo 500 reis de 1/2 kilo 800 reis, de 1 kilo 13400 reis; de 2 1/2 kilos 32000 reis.

Os *biscotes da Revalesciere* que se podem comer a qualquer hora vendem-se em caixas a 800 e 1400 rs.

O melhor chocolate para a saude é a *Revalesciere chocolata* da ella restitue o apetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas e ás crianças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de 24 chavenas, 800 reis de 48 chavenas de lata de 500 reis; folha 13400 reis de 120 chavenas 32000 reis ou 23 reis por cada chavena.

Barry du Barry & C.ª—Place Vendôme 26. aris; 77 Regente trect Vales; Londreverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central sr. Serzedello & C.ª, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa, (por grosso e miudo, Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31 e 32 Barral & Irmãos, rua Aurea 12. orto, J. de Souza Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77.

Guimarães, Antonio José Pereira Martins, pharmaceutico Antonio d'Araujo Carvalho, mercaria—campo da Feira, 1. José Joaquim da Silva, droguita Rua da Rainha.

## AGRADECIMENTO

**RSAO** de Jesus Barbosa, e Anna Maria Barbosa, agradecem extremamente as relevantes provas de estima e consideração que lhes deram durante a molestia e por occasião da morte de seu chorado pai, Silverio José Barbosa, muitas senhoras e cavalheiros; protestando-lhes o mais vivo reconhecimento e eterna gratidão.

## AGRADECIMENTO

D. ANNA Emilia de Oliveira, agradece por este meio, por não o poder fazer pessoalmente co-

mo era de seu rigoroso dever, as provas de estima e consideração que recebeu de muitas senhoras e cavalheiros por occasião da premtura molestia e no fallecimento de sua extremosa filha D. Maria Emilia d'Oliveira; protestando a todos já-mais esquecer tão relevantes favores e agradecendo cordialmente tantas provas de estima.

## AGRADECIMENTO

D. JOANA Rita de Souza Guedes Aguiar e sua filha D. Maria das Dores da Cunha Vasconcellos Leal e seu marido Luiz dos Santos Leal, e Joaquim de Souza Guedes Aguiar, Domingos de Souza Guedes Aguiar, e Pedro de Sousa Guedes Aguiar, sumamente penhorados para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua irmã e thia, D. Emilia Margarida de Souza Guedes Aguiar, agradecem e protestam o seu reconhecimento e gratidão.

## ANNUNCIOS

### EXTRACTO DE ANNUNCIO

PELO juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado correm editos de trinta dias a contar da data da publicação do ultimo annuncio, a citar todos os credores desconhecidos e domiciliarios fôra d'esta comarca a fim de assistirem querendo aos termos de inventario a que se procede por fallecimento de Dona Leonor Rodrigues de Castro, moradora que foi na rua de Santa Cruz d'esta cidade na forma que dispõe o paragrapho quarto do artigo seis centos e noventa e seis do codigo do Processo Civil.

Guimarães trinta de junho de mil oito centos setenta e sete. Eu Joaquim José Saraiva Guimarães, escrivão que o subscrevi.

Verifiquei—Mosqueira.

Joaquim José Saraiva Guimarães.

### ARREMATAÇÃO

PELO juizo de direito d'esta comarca, e pelo cartorio do escrivão abaixo assignado, se tem de arrematar em hasta publica no dia 29 do corrente mez de julho, por 10 horas da manhã no tribunal judicial collocado no extincto convento de S. Domingos d'esta cidade, uma morada de casas de um andar, ainda em construção sita na rua de Santa Maria, d'esta cidade, em execução

que José Francisco Fernandes da rua de Santa Luzia d'esta cidade, promove contra Antonio José Ferreira da dita rua de Santa Maria d'esta mesma cidade, que tudo será entregue a quem mais der e offerecer.

Guimarães 4 de julho de 1877. Eu Joaquim José Saraiva Guimarães escrivão ajudante, que o subscrevi e assigno.

Joaquim José Saraiva Guimarães, Verifiquei—Mosqueira.

### ARREMATAÇÃO

PELO juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado, se tem de arrematar em hasta publica no dia 15 do corrente mez de julho, por 10 horas da manhã, no tribunal judicial collocado no extincto convento de S. Domingos, d'esta comarca, uma propriedade de casas terreas e telhadas com outra casa destelhada e ainda uma outra casa com duas rodas de moinhos, roxio, terras d'horta com arveres de vinho, tudo situado no lugar de Sumes ou Lages, na freguezia de S. João Baptista de Gondar, d'esta comarca; em execução que o juiz e messarios da irmandade de Nossa Senhora do Rozario de S. Pedro do Monte da freguezia de Serzedello d'esta comarca e executado José Antonio Barboza e mulher da freguezia de Gondar, o que tudo será entregue a quem mais offerecer e der acima da sua avaliação.

Guimarães, 2 de julho de 1877.

O escrivão Saraiva Verifiquei. Mosqueira.

### NOVO HORARIO

DILIGENCIA entre Guimarães, Fafe, Lameira, Gandarella e Arco de Baulhe.

Couto & Santa Marinha annunciam que as diligencias que teem para Basto, comecam desde o dia 20 do corrente a sahir á hora seguinte:

De Guimarães sae ás 5 horas da manhã e chega ao Arco ás 10 da manhã.

Do Arco para Guimarães sae as 4 horas da manhã e chega a Guimarães ás 10 da manhã.

Os mesmos annunciantes continuam com as suas carreiras para Villa Nova de Famalicão,—à estação do caminho de ferro—Braga, Caldás de Vizella, Felgueiras, Lixa, e vice-versa.

Os bilhetes vendem-se em Guimarães, no estabelecimento do sr. Mello, Campo do Toural, n.ºs 1, 2 e 3.